

**ENTRE O CORAÇÃO E AS VÍSCERAS.
FORÇAS AUTOBIOGRÁFICAS**

**ENTRE EL CORAZÓN Y LAS VÍSCERAS.
FORZAS AUTOBIOGRÁFICAS**

Marta Luiza Strambi

RESUMO

O presente texto atende aos aspectos autobiográficos de duas produções em desenho intituladas “Roturas” e “Velados”, como dimensão crítica de uma arte contemporânea em questão. Desenhos que dimensionam suas relações, reverberando inquietações de urgência a respeito da vida.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Autobiografia; Desenho; Subjetividade.

RESUMEN

El presente texto atiende a los aspectos autobiográficos de dos producciones en dibujo tituladas "Roturas" y "Velados", como dimensión crítica de un arte contemporáneo en cuestión. Dibujos que dimensionan sus relaciones, reverberando inquietudes de urgencia acerca de la vida.

PALAVRAS CLAVE

Arte; Autobiografía; Dibujo; Subjetividad.

O presente texto “Entre o coração e as vísceras” atende aos aspectos autobiográficos de duas produções em desenho que realizei, intituladas “Roturas” e “Velados”, como dimensão crítica de uma arte contemporânea em questão. Desenhos que dimensionam suas relações, reverberando inquietações de urgência a respeito da vida. Essa dimensão crítica diz respeito ao início de um pensamento que deflagra inquietações diante das complexidades que compreendem uma produção de arte como fenômeno contemporâneo, que tem como principal propósito uma entrada para tocar em lugares que um corpo já residiu.

Sem descuidar de sua dimensão estética, essa produção de desenhos intitulada “Roturas”, em guache sobre papel, fizeram parte do processo de elaboração da instalação “Campo de Forças”, já publicada no artigo anterior do 25º. Encontro da ANPAP/Porto Alegre, em 2016; que teve como base, também, processos autobiográficos.

A compreensão a respeito da autobiografia nas artes visuais, seja ela em qual modalidade for, pode situar nos limites entre arte e vida, nos acontecimentos privados que podem ser suscetíveis de se aclarar para “transbordar” no campo de um real. Um trabalho plástico autobiográfico pode estar na compreensão dos limites do território entre a ficção e uma dada realidade, ou na sua contramão, onde um contém o outro e vice-versa, contudo existe, aqui, uma fricção dos campos, em que ambos permanecem inseparáveis. O processo dialético “[...] de diálogo e de contaminação com o outro [...]”, é o lugar onde pode constituir singularidades, “[...] singularidade e potência lastreadas em sua natureza crítica”.¹

Uma autobiografia, como citado em “Autobiografía intelectual”, “[...] é antes todo um relato de uma vida; como toda obra narrativa é seletiva e, enquanto tal, inevitavelmente descontínua.” (RICOUER, 2007, p. 13, tradução nossa). Muitas vezes usamos na arte situações de abandono ou distanciamento de determinadas passagens da vida, mesmo assim ali se percebe as marcas do artista, se colocando plenamente, singularizando algo que ele vive ou viveu, pois há aspectos autobiográficos que se basearam na sua identidade, sem que seu trabalho seja um caderno ou um diário do cotidiano.

Para Leonor Arfuch a "[...] reconfiguração da subjetividade contemporânea [...]" deve considerar a "[...] transformação dos espaços público e privado a nível mundial [...]", isso porque esses espaços lhes são "indissociáveis", e "[...] aparecem em constante flutuação, submetidos a uma alta interatividade midiática e política, em que parece se desenhar um rumo comum, para além de diferenças e particularismos". Estamos, segundo ela, num "momento de aceleração radical" onde as "lógicas maquinais", que estão "impregnadas nestes processos", operam "em detrimento da qualidade dos sujeitos". A partir disso, ela considera que a "tendência à privacidade, na insistência do vivencial, do dado singular que se opõe à lei do número, "temos" um ponto de inflexão" que "há mais de dois séculos" está implicado no "despontar da voz autobiográfica".²

Portanto, nesse sentido, a "voz autobiográfica" pode ser considerada como um ato de sobrevivência e, também, de resistência diante destes processos culturais que nos submetem às lógicas da homogeneização e do mecanicismo.

Ainda segundo Arfuch, as implicações dessa virada do sujeito contemporâneo, para uma "minúcia da subjetividade" ou da "subjetividade no lugar dos sujeitos", poderia tratar-se de um gesto compensatório diante de uma fratura,

[...] dos sujeitos coletivos e dos ideais do universalismo, da queda das utopias sociais, desses "grandes relatos", cuja morte e ressurreição agitaram o debate modernidade/pós-modernidade na década de 1980. Mas esse recolhimento no privado - a vida e a realização pessoal como o maior bem de cada indivíduo -, que reencontra de certo modo seus tons primigênicos - aquele "refúgio" da intimidade, essencial no processo civilizador -, não deve necessariamente ser visto como desequilíbrio, abandono do mítico espaço público burguês de racionalidade e fiscalização e, conseqüentemente, renúncia a toda ação transcendente. Tratar-se-á de perdas e, também, de chances, mutações, reacomodações, combates pela hegemonia em que o uno dá lugar ao múltiplo: haverá vários espaços públicos e privados, submetidos a um devir dialógico, a um constante processo de interpenetração.

É por isso que, ao falar de *espaço biográfico* – um singular habitado pela pluralidade -, situamos-nos precisamente nesse umbral de visibilidade indecível entre público e privado que já mostrara seu caráter paradoxal nos alvares da modernidade: um espaço *entre*, que

clausura a antinomia, revelando a imbricação profunda entre indivíduo e sociedade.

A partir desse horizonte analítico, é possível apreender a circulação narrativa das vidas, comuns e singulares, discernir semelhanças e especificidades, à luz de uma concepção dos gêneros discursivos em acordo com isso. Espaço onde algumas formas são naturalmente incluídas, por tradição ou inovação, e outras tornam duvidosa a aplicação mesma do atributo “biográfico”, traçando assim uma fronteira, como sabemos, sempre provisória. (ARFUCH, 2010, 339-340).

Isso porque a urgência tange a vida, não há como livrar-nos de uma postura que critica as barganhas, seja pela sobrevivência ou, mesmo, pela troca de favores, em que o dinheiro talvez valha mais que um simples gesto de amor. O que fazer com essa carga de obstáculos que enfrentamos, se não partir para um trabalho plástico de intervenção crítica, para opor-nos, talvez, a essa paisagem de casos:

[...] de encontros e de contaminações [...], dos [...] debates em torno de questões que circundam a afirmação do sujeito, [...] do artista e do outro, [...] que afirmam uma urgência cujo enfrentamento não pode ser postergado.³

Campo

“Entre o coração e as vísceras”, título desse texto, talvez possa originar uma narrativa ou síntese como base, podemos analisar as relações entre os conteúdos expressos plasticamente, como nos desenhos a seguir, e sua relação com a realidade vivenciada pelo indivíduo. Parte desse artigo veio como uma protrusão, rompendo a intenção da escritura, como um furacão que incide e varre tudo, exceto o sentimento melancólico das semanas.

Irrrompendo em forma de coração, se vê fissuras e incisões, cortes breves que escapam por entre formas sob os títulos “Sob Fenda” e “Exposto” (figs. 1 e 2).



Fig. 1- Marta Strambi,
Sob Fenda, 2016,
acrílica sobre papel, 24 x 18 cm.

Mais que uma compreensão, podemos decifrar esses desenhos tocando nas narrativas que os acompanham, elas se vão contando sob sentimentos, sobre as passagens da vida, sensações e eventos como acontecimentos, seriam signos que denotam fricções, em que uma parte se confronta à outra, e que pode revelar uma parte da pessoa que viveu e se incidiu por isso, síntese de um momento refletido como instalação, em que os desenhos entrecruzam a arte e a realidade vivenciada.

Os conteúdos expressos nas figuras (figs. 1, 2, 3, 4), analisados sob as relações com a realidade, por mim vivenciada, dizem respeito a um sentimento de medo e, ao mesmo tempo, de desafio, a algo que não se quer como forma, contudo se deita sobre o papel. Tomada pelo sentimento, as conformações foram acontecendo; o íntimo sobressaía, exteriorizando essas formas de coração, mesmo que as sombras esmaecidas fizessem o contraponto com as duras marcas da tinta sobre o papel.

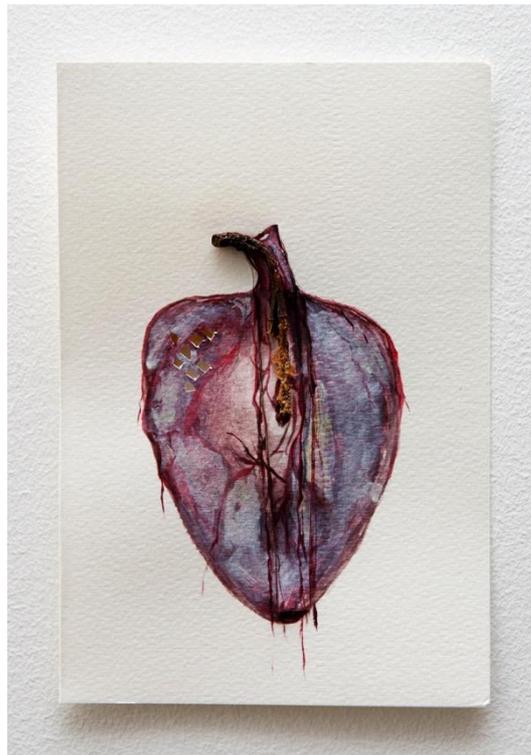


Fig. 2- Marta Strambi,
Exposto, 2016,
acrílica sobre papel, 24 x 18 cm.

Com fluídos, ou com escorridos da tinta, todos eles foram sendo elaborados sob esse fulgor do medo, da busca, da identidade, do exílio e da sensibilidade, e foram sendo absorvidos pelos agregados pedaços de guardanapos do enxugar da tinta e mesmo das gotas que escorriam. Sobrepostos, esses pedaços formavam relevos sobre essa produção de “Roturas” (figs. 3 e 4).

Com essas experimentações iniciei a criação dos desenhos que fizeram parte da instalação “Campo de Forças” (figs. de 5 a 10), tratada no meu pós-doutoramento, no Instituto Politécnico do Porto (IPP/ESE), na cidade do Porto, em Portugal.



Fig. 3- Marta Strambi,
Sob Lacuna, 2016,
acrílica sobre papel, 24 x 18 cm.

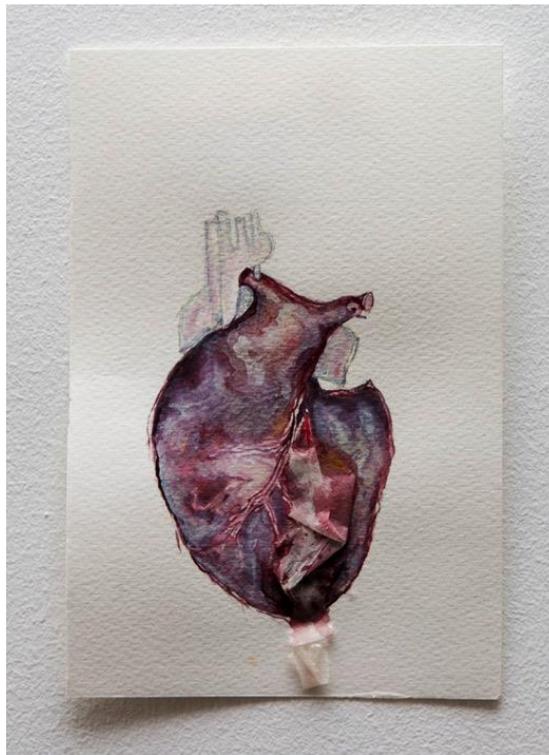


Fig. 4- Marta Strambi,
Filtro, 2016,
acrílica sobre papel, 24 x 18 cm.

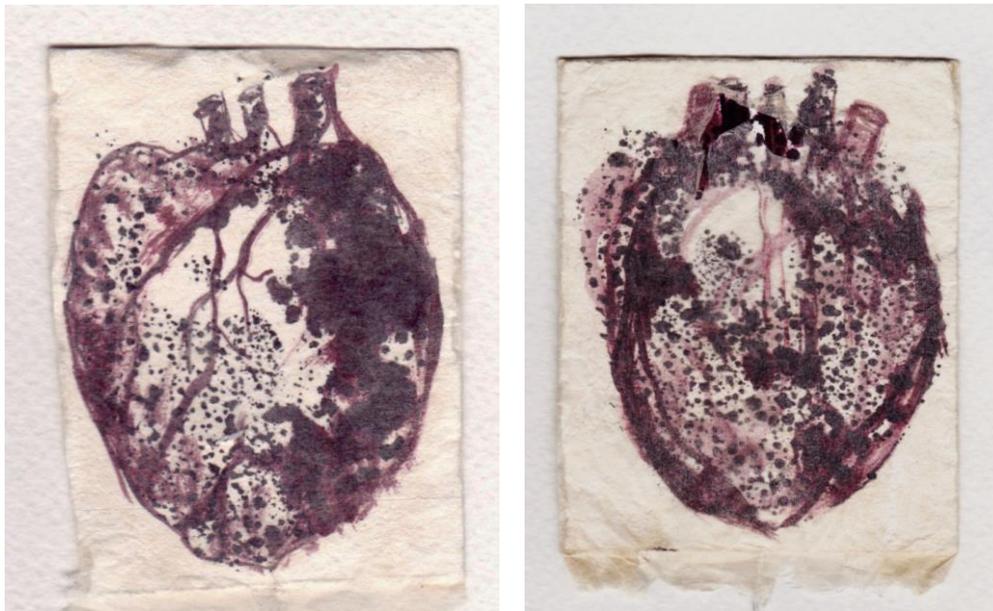
Ofuscamentos

Em sequência, à experimentação dos desenhos, apresento a “Série Velados” *Bate I e II* (fig. 5 e 6), frutos daquela produção anterior “Rotunda”. Resolvi que fariam parte da instalação geral, então, decalcados e com conteúdos expressos, resultado de vivências de sentimentos temerosos e de provocação, dezenove (19) desenhos se depositavam descorados, pálidos e deficientes. E como não se bastasse foram cobertos com saquinhos usados de chás, resquícios de uma noite mal dormida, de uma preocupação demoníaca com os hormônios e medicamentos. Eles fizeram o papel de cobertura, de veladura, dos ofuscados e encobertos, desenhos escondidos pelos papéis.

O que move o artista a criar pode, então, ser sua história e sua vivência, matérias para a criação, entrecruzamentos do devaneio com a realidade exterior, para tanto

ele pode relatar suas experiências, fornecendo elementos próprios e pessoais, estabelecendo um 'pacto fantasmático'⁴ com o espectador.

Philippe Lejeune quis dizer que o 'pacto fantasmático' numa autobiografia é a capacidade de perceber, dentro da ficção, elementos reveladores do autor. O espectador passa "[...] a gostar de adivinhar a presença do autor (de seu inconsciente) [...], de tal modo que [...] os pactos fantasmáticos criaram novos hábitos de leitura". (LEJEUNE, 2008, p. 46). Conseqüentemente a mesma coisa acontece com os trabalhos visuais. A própria história do artista entra como objeto de sua arte.



Figs. 5 e 6 - Marta Strambi,
 Série Velados, Bate I e II, 2016,
 decalque em acrílica sobre papel, 5 x 8 cm.

A fantasmática, no meu caso das produções, é um desejo de oferecer uma verdade aos outros ou, então, uma aclamação pelo alerta à vida, ao perigo que se deva ter com aspectos políticos, dogmáticos e ideológicos. É uma ação de expurgo que tem seus efeitos reais.

Como se pode ainda, no século da psicanálise, acreditar que o sujeito seja capaz de dizer a verdade sobre si mesmo?

A promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais. Certamente é impossível atingir a verdade, em particular a verdade de uma vida humana, mas o desejo de alcançá-la define um campo discursivo e atos de conhecimento, um certo tipo de relações humanas que nada têm de ilusório. (LEJEUNE, 2008,103-104).

O território do meu trabalho é o contextual, enfrento questões da autobiografia, do corpo em desalinho e da fragilidade do ser contemporâneo, assuntos que se estabelecem no eixo de minha poética. Considero que minha produção apresenta uma dimensão autobiográfica, isto é, meus projetos partem de experiências/vivências mais íntimas ou dizem respeito a realidades mais gerais que acabam formulando algumas críticas. A memória faz parte dos assuntos tratados, não faço uma projeção de valor sobre eles, mas simplesmente os entendo como uma necessidade, ou seja, uma extensão da vida, uma verdade em si e um jogo poético.

Procuro, nas instalações e ambientações, incorporar e dialogar com o espaço, relacionando-o ao outro, e esses desenhos entram junto, talvez fazendo a parte do “coração”, ou seja, dos sentimentos que os envolvem.

A ideia os constrói, o espaço é um elemento que faz parte das obras e, em geral, faço uma acomodação para o que vou expor. O trabalho acaba tomando parte do espaço como instalação. Tenho, ainda, a necessidade que as pessoas adentrem o trabalho, por isso, venho inserindo os mp3 e mp4, dando acesso às pessoas de participarem e o investigarem. Esse espaço se esquematiza primeiro dentro de mim, antes de estar no mundo, depois com experimentos ou maquetes ele se projeta à luz do imprevisto que muito preso e o deixo acontecer, através das surpresas, ou com elas, incorporo seu sentido. Já inicio uma criação guardando materiais do meu cotidiano, acumulando do meu dia a dia o que consumo, para dar um propósito à “descartagem” que lanço para o mundo. Para, enquanto arte, poder dar sentido a eles e resignificá-los, pois precisam tomar voz no momento; é como um embate entre matéria e materialidade.

Além de serem trabalhados, esses materiais são a chave que escapa da tranquilidade de seguir livre com a vida, porque enunciam o que estou vivendo.

Contudo, algumas vezes essa materialidade pode ser um som, que tenho guardado na cabeça, alguma palavra mal focada, ou frases fortes que me ficaram, ou até um acontecimento ou evento que me provocou. Com isso vou compondo, reunindo essas partes como um todo. Não tenho limites técnicos, procuro me relacionar com todos os meios à disposição e com consequência para a ideia que pretendo apresentar.

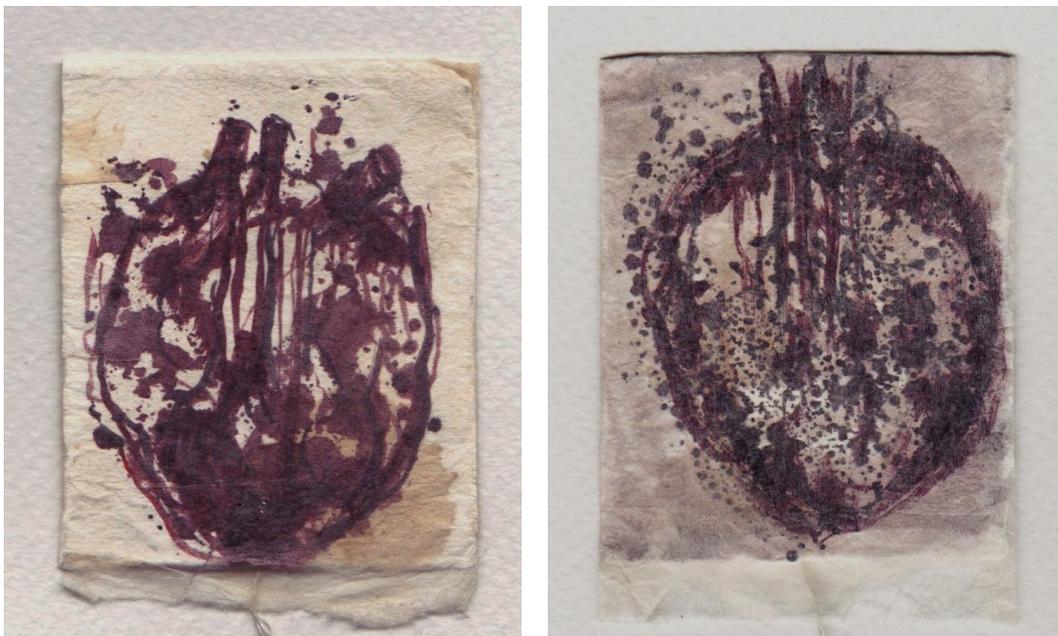
O desenho é uma forma de expressão, cada gesto e energia dispendida há neles uma sentença, uma revelação. Quando feito repetidamente ou previamente pode perde sua vivacidade e expressividade. Ele, também, deve ser um corpo, uma parte desse todo que a ideia contém.



Figs. 7 e 8 - Marta Strambi,
Série Velados, Bate III e IV, 2016,
decalque em acrílica sobre papel, 5 x 8 cm.

Não faço nenhuma pesquisa visual anterior, o trabalho vem de “dentro”, de minhas vivências. Depois sim, as pesquisas vão acontecendo e preenchendo, talvez, algum

vazio que ainda exista. Elas são mais conceituais, teóricas, e seguem sempre, por analogia, algum assunto que o trabalho pede ou suplica. A pesquisa acaba dando corpo para alguma escrita, mas estou disposta a trabalhar com minha problemática, meu próximo trabalho já será um acontecimento anterior ou, então, algo que move a ocasião, vistos sempre como uma crítica. Meus primeiros pensamentos vêm de um reflexo vivido, que altero em forma de arte. Depois tudo entra em jogo e pode se misturar com frases e conceitos a serem trabalhados. O desenho nunca é autônomo, ele também faz parte dessa aposta.



Figs. 9 e 10 - Marta Strambi,
Série Velados, Bate V e VI, 2016,
decalque em acrílica sobre papel, 5 x 8 cm.

Não faço nenhuma pesquisa visual anterior, o trabalho vem de “dentro”, de minhas vivências. Depois sim, as pesquisas vão acontecendo e preenchendo, talvez, algum vazio que ainda exista. Elas são mais conceituais, teóricas, e seguem sempre, por analogia, algum assunto que o trabalho pede ou suplica. A pesquisa acaba dando corpo para alguma escrita, mas estou disposta a trabalhar com minha problemática, meu próximo trabalho já será um acontecimento anterior ou, então, algo que move a ocasião, vistos sempre como uma crítica. Meus primeiros pensamentos vêm de um

reflexo vivido, que altero em forma de arte. Depois tudo entra em jogo e pode se misturar com frases e conceitos a serem trabalhados. O desenho nunca é autônomo, ele também faz parte dessa aposta.

A experimentação é a chave, agora ela está mais dimensionada no meu trabalho, direcionada para se completar. As formas, matérias, formatos e elementos integram o todo da ideia, eles nunca vêm separadamente, e assim continuam até que o trabalho se concretize. A experimentação é como uma liberdade que devemos ter. Ainda assim gosto de desenhar, gosto de bons papéis, mas não descarto os papéis precários, as gambiarras que me atraem muito e acabam fazendo parte de alguma instalação ou outra ambientação. Meu método parte desde as coisas que vivo, de minha vivência, vou guardando os materiais do dia a dia que me relaciono, até compor uma instalação ou esses desenhos, ou algo parecido. No percurso introduzo desenhos, coisas e sons que me tocam. Geralmente o trabalho vem acompanhado de alguma performance proposta, que vem acontecendo desde a montagem, gravação e fotografias e gosto que as pessoas participem do trabalho no dia do vernissage.

Não devemos tentar evitar um problema que nos atormenta, nos aborrece ou nos angustia e tratá-lo como obstáculo, enfrentá-lo já é em si parte de sua dissolução. Assim, as obras autobiográficas podem refletir totalmente ou com parcimônia as experiências do sujeito na vida, sejam elas obstáculos, preocupações ou mesmo medo. A presença de si nas obras lança um olhar com finalidades precípuas de se formar ou de se autodepurar, assim como Michel Foucault nos aponta nos textos *hupomnêmata*⁵ e mesmo nas correspondências em forma de cartas. Elas oferecem tanto para o destinatário quanto ao signatário possibilidades de reflexão, podem ser entendidas não somente como um decifrar-se de si por si, mas “[...] como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo.” (FOUCAULT, 2006, p. 157).

Em Santo Agostinho, também, encontramos um tom autobiográfico em sua obra no Livro X, in “Confissões”, redigida em 387/388 d.C., como se fosse um diário onde ele se arrepende de alguns de seus “pecados”. Encontramos seus deleites sobre as artes quando ele escreve a respeito dos: *O prazer do ouvido, A sedução dos olhos, A sedução do perfume, entre outros*. Com isso, ele deixa à vista a relação as artes com

o dogmatismo da igreja nos seus inícios, demonstrando um comprometimento enclausurado, onde a percepção e a contemplação das artes e das belezas da vida, se configurava como “pecados”.

Quando, às vezes, a música me sensibiliza mais do que as letras que se cantam, confesso com dor que pequei. Neste caso, por castigo, preferiria não ouvir cantar. Eis em que estado me encontro.

Os olhos amam a beleza e a variedade das formas, o brilho e a amenidade das cores [...]. A própria rainha das cores, esta luz que se derrama por tudo o que vemos e por todos os lugares em que me encontro no decorrer do dia, investe contra mim de mil maneiras e acaricia-me, até mesmo quando me ocupo em outra coisa que dela me abstrai. Insinua-se com tal veemência que, se de repente me for arrebatada, procuro-a com vivo desejo. Se se ausenta por muito tempo, a minha alma cobre-se de tristeza.

[...] também me deixo prender por estas belezas; mas Vós, ó Senhor, libertais-me! (AGOSTINHO, 1996, p. 293, 294, 295).

Nesse mesmo livro Santo Agostinho trata de uma análise sobre a memória, dos afetos da alma e a busca pela felicidade. Enfim, a obra autobiográfica problematiza “[...] os modos pelos quais a subjetividade [...]”⁶ se constitui, inclusive na arte e por meio dela. Ela vem se fazendo através de novas formas de expressão de si no campo da imagem, se configurando, como um espaço dialógico e em muitos casos intertextual.

Corremos contra o tempo para entendermos e nos posicionar frente a um fenômeno cultural, subjetivo e social que aponta para um limite tênue, e muitas vezes problemático, entre o ético e o estético: trata-se de uma exposição de si sem vínculos com a dimensão do comum e do coletivo, ancorada apenas [...] na arte em si. Ou trata-se de formas de experimentação de si que nos afastam das identidades fechadas e nos colocam frente à dimensão relacional, mutante, inacabada e faltante das subjetividades partilhadas? Com efeito, a inflação ou hipertrofia da subjetividade contemporânea pode ser vista apenas como sintoma do mundo atual, mas pode também resistir a esse mundo, ao interrogar as interseções entre as esferas pública e privada, a história e a memória, o íntimo e o êxtimo, o pessoal e o político.⁷

Na nossa sociedade o trabalho reprodutivo se tornou a atividade principal, a uniformização e padronização se apresentam nos modos e nos aspectos do ser e da

ocupação humana, sendo ao revés, paradoxalmente, a unicidade o que alimenta a certeza do individual e singular. Essa repetição está nessa busca individual, mas na realidade, é ela uma ilusão de um “nós”, uma tensão entre utopia e realidade.

Parto dessa problematização de tais processos para considerar, como experiência sensível, as formas subjetivas de expressão como a autobiografia na arte quando capturamos e problematizamos um conteúdo próprio, deixando-o atravessar por diferentes modos, sejam eles íntimos ou não, como argumento principal de uma produção em arte. Proponho tensionar, através das esferas pública/privada e poética/política, as estruturas do modo de fazer e da disseminação da arte por meio da autobiografia. Visando, com isso, tirá-la da solidão e romper com mecanismos imperiosos de fincar a arte num caminho distante e decepá-la da convivência humana.

Notas

¹ OLIVEIRA, L.S.; *et al.* Simpósio 11: O Político, O Estético, O Crítico: dimensões da arte e do artista no contemporâneo. In 26º. ANPAP. Campinas, 2017.

² Por Leonor Arfuch, 2010, p. 339.

³ OLIVEIRA, L.S.; *et al.* Simpósio 11: O Político, O Estético, O Crítico: dimensões da arte e do artista no contemporâneo. In 26º. ANPAP. Campinas, 2017.

⁴ Por Philippe Lejeune, 2008.

⁵ Caderno de anotações pessoais dos gregos (cultura filosófica pré-cristã).

⁶ <http://www.fafich.ufmg.br/devires/index.php/Devires>

⁷ Id.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ARFUCH, Leonor. “Cronotopías de la intimidad”. In Pensar este tiempo, espacios, afectos, pertenencias. Buenos Aires: Paidós, 2005.

ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

CHEVRIER, Jean-François. Formas Biográficas. Construcción y mitología individual. Madrid: Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2014.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. Uma estética da existência. In: Ética, Sexualidade, Política. Org. por Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

OLIVEIRA, L.S.; *et al.* Simpósio 3: Entre a obra e o mundo: a dimensão crítica da arte. In 25. Encontro Nacional da ANPAP. Arte: seus espaços e/em nosso tempo, Porto Alegre, 2016.

_____. Simpósio 11: O Político, O Estético, O Crítico: dimensões da arte e do artista no contemporâneo. In 26. Encontro Nacional da ANPAP. Memórias e Invenções, Campinas, 2017.

RICOEUR, Paul. Autobiografía intelectual. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.